Revista de divulgação científica do

INPA

Ciência para todos

Junho de 2011 · nº 07, ano 3 (Distribuição Gratuita)
ISSN 19847653

Ministério da Ciência e Tecnologia

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Conservação

A Amazônia e o Ano Internacional das Florestas

ALTERNATIVA
Planta auxilia no tratamento de água

ENTREVISTA
Pesquisador fala sobre manejo florestal na Amazônia

ESPECIAL
Gavião-real e uma história de preservação

ERA UMA VEZ, EU, O GAVIÃO-REAL

> POR ALINE CARDOSO

Olá amiguinhos! Eu sou a *Harpia harpyja*, mais conhecido como Harpia ou Gavião-real e, nessa edição, vou contar a vocês a minha história, tenho certeza que vocês irão gostar.

"Era uma vez, duas aves de rapina: grandes, velozes e imponentes sobrevoando os céus da floresta Amazônica; com asas largas e um conjunto de penas brancas, cinzas e pretas que juntas criavam desenhos incríveis, dando ar de realeza; essa existência era respeitada por todos os bichinhos da floresta. Uma dessas aves era um macho e a outra era uma fêmea, mas eles não viviam em companhia, eles viviam solitários... Pelo menos por enquanto.

Um belo dia, eles se ouviram cantando pelas altas árvores da mata. Ficaram impressionados com o canto um do outro. Pararam e escutaram. Apreciando cada nota, cada variação nessa majestosa canção. Depois de algum tempo, sempre ouvindo esse canto maravilhoso, decidiram se conhecer.

Eles acabaram se encontrando em uma árvore bem alta, uma castanheira. Se entreolharam por alguns momentos, depois começaram uma dança na qual encostavam seus bicos e abriam suas enormes asas. Isso passou a acontecer todos os dias. Esse "namoro" durou meses! Aí então, o macho deu uma ideia. Disse que seria bom ficarem ali por um tempo, juntos, e foi assim que resolveram construir um ninho.

O ninho é bem diferente dos ninhos de outros passarinhos. Ele é gigante, bem espaçoso, tem cerca de dois metros e é feito de galhos secos que são colocados com habilidade no topo de umas das árvores mais altas da floresta, para evitar o ataque de predadores. Talvez vocês pensem que esse ninho é muito grande para um passarinho tão pequeno, mais tarde vocês entenderão o porquê. O que importa agora é que lá de cima, a vista da floresta é linda, o vento que sopra é refrescante e o sol pode iluminar tudo com um calorzinho agradável. Imaginem!

O dia amanheceu e com ele algo novo apareceu... Sabem o que era? Era um ovo!Esse ovo é de cor branca, tem aproximadamente sete centímetros e pesa 120 gramas. Pode acontecer de a mamãe-real por dois ovos, mas infelizmente apenas um filhote vai sobreviver. As razões disso talvez possam ser explicadas com a ajuda dos nossos amigos pesquisadores.

Depois de 56 longos dias, numa bela tarde, uma criaturinha começou a bicar e a quebrar o ovo, foi então que algo surpreendente aconteceu e deixou os dois gaviões-reais muito felizes. Sabem o que é? Vou dar uma dica: eu nasci! Isso mesmo!

Calma... A história não acabou ainda. Agora é que vem a melhor parte de tudo.

Olha como eu sou!

Eu sou um filhote de gavião-real. Sou pequenino, por enquanto, e meu corpo é coberto por uma delicada penugem branca. Meus pais estão sempre perto de mim para me proteger e me dar comida, sempre que tenho fome. Durante os primeiros dois meses, minha mãe cuida de mim a todo instante, enquanto meu pai sai para caçar comida para nós.

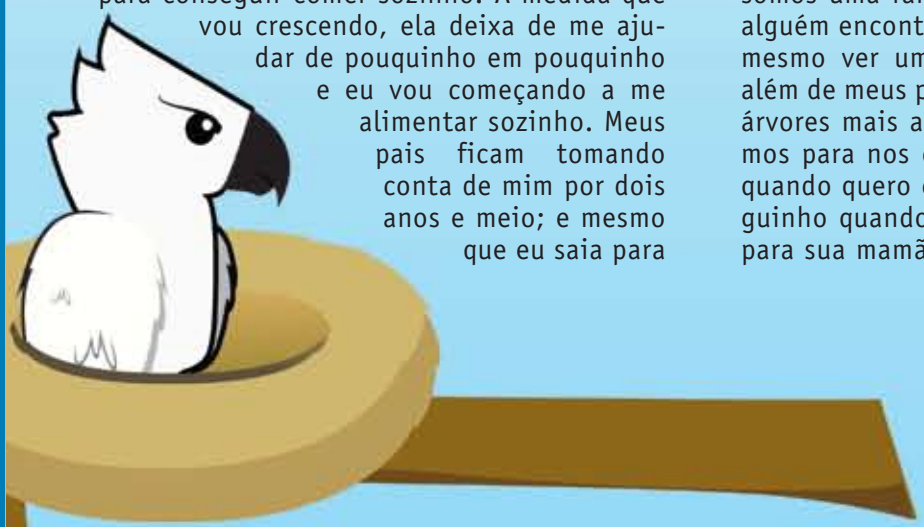
Assim como todos os animais na cadeia alimentar tem sua própria dieta, eu também tenho a minha. Os jacarés, por exemplo, se alimentam de vários peixes. Os passarinhos se alimentam de insetos e frutas. E nós, os gaviões-reais, nos alimentamos de animais pequenos, como macaquinhos e pequenas aves, apesar de preferirmos o bicho-preguiça. Mas não se assuste, gostamos desses bichinhos, pois eles vivem nas copas das árvores, lugar onde meus pais geralmente caçam.

Nós somos uma família discreta e é muito difícil alguém encontrar um ninho de gavião-real. Nós só cantamos para nos comunicar, principalmente quando quero comida

Nos meus primeiros meses, minha mãe me ajuda a comer, porque ainda não sou forte o suficiente para conseguir comer sozinho. À medida que vou crescendo, ela deixa de me ajudar de pouquinho em pouquinho e eu vou começando a me alimentar sozinho. Meus pais ficam tomando conta de mim por dois anos e meio; e mesmo que eu saia para treinar a voar e caçar, retorno ao meu ninho até a hora em que estiver pronto para procurar outro lugar e construir minha própria família e eles ficam me vigiando de outras árvores altas no entorno da nossa casa.

Meu ninho é projetado bem grande para que quando eu crescer, ele não fique pequeno ou apertado demais para mim. Para que eu aprenda a voar, primeiramente treino meus músculos das asas, depois meus músculos de planar, ou seja, voar com as asas imóveis. Para todo esse esforço e treino constante, eu fico pulando de um lado para o outro, então, é necessário morar em uma casa grande, não é verdade?

Sabem, meus pais ficam de olho o tempo inteiro e são muito ciumentos, já que eu sou filho único, e até que eu atinja a idade adulta, eu fico sob os cuidados deles. Não é aconselhável chegar perto da minha casa, pois eles ficam nas árvores em volta do meu ninho e me reparam, mesmo de longe. Nós somos uma família discreta e é muito difícil alguém encontrar um ninho de gavião-real ou mesmo ver um de nós voando por aí, pois além de meus pais construírem nossa casa nas árvores mais altas da floresta, nós só cantamos para nos comunicar, principalmente eu, quando quero comida. Assim como você amiguinho quando está com fome, reclama logo para sua mamãe.



Eu não levo ninguém

Andaram inventando umas estórias aí de que meus pais pegam criancinhas desobedientes, mas olha, isso não é verdade. Eles só vão agir para me proteger se alguém chegar perto do meu ninho e tentarem me machucar. Eles não têm a intenção de machucar ninguém.

A área que fica em torno da minha casa não pode ser desmatada ou queimada. Ela precisa ser conservada lá, no seu lugar de origem, com seus bichinhos, árvores e flores e frutas regionais. É onde outros futuros papais gaviões-reais irão construir seus ninhos e outros futuros filhotinhos, como eu, irão nascer e crescer e eternizar a espécie.

Andaram inventando umas estórias aí de que meus pais pegam criancinhas desobedientes, mas olha, isso não é verdade. eles só vão agir para me proteger

Para garantir que isso ocorra e que nossa espécie não seja ameaçada, contamos com o pessoal que faz parte do Projeto Gavião-real, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa/MCT), no qual os amigos Tânia Sanaiotti, Helena Aguiar, Olivier Jaudoin, João Leite e Marcelo Barreiros desenvolvem algumas atividades que ajudam a manter minha casa protegida. Sabem como? Com educação ambiental trabalhada com as criancinhas e adultos que passam perto do meu ninho ou moram em comunidades próximas.

Ouvi falar que alguns dos meus parentes que moram nas florestas da Amazônia e da Mata Atlântica receberam nomes de origem indígena que foram sugeridos por crianças que moram perto de ninhos destes gaviões-reais. Os nomes que eles escolheram têm significados muito bonitos e combinam perfeitamente com o nosso jeito de ser. Por exemplo: Apuama, significa veloz; Aweré, quer dizer caçador; Naruna significa guerreira; Apoema, é a que enxerga longe; e Katumbayá, significa mãe da mata. Legal, né?

Eles também cuidam de mim

O projeto do Inpa tem trabalhado com outras instituições e profissionais parceiros há 10 anos e tem como objetivo ajudar a preservar as áreas em que nós nascemos e vivemos, assim como cuidar e reabilitar outros gaviões-reais que foram machucados por alguns humanos.

De acordo com nossa amiguinha Helena Aguiar do Projeto Gavião-real, existem hoje cerca de 60 ninhos mapeados na Amazônia, o que é bom, pois podem existir outros filhotes de gavião-real como eu, espalhados por aí, entretanto, no sul do Brasil, as aves da minha espécie já estão ameaçadas de extinção devido à caça e desmatamento, e cada vez estão mais difíceis de serem vistas em ninhos.

O projeto do Inpa tem trabalhado com outras instituições há 10 anos e tem o objetivo ajudar a preservar as áreas em que nós nascemos e vivemos

Quando algumas aves são machucadas, elas vão para um centro de reabilitação no Bosque da Ciência do Inpa e alguns amigos biólogos e veterinários ajudam a recuperá-las e a inseri-las de volta à natureza. Esse trabalho nem sempre é fácil, pois sentimos um pouco de medo por estarmos longe do nosso habitat, mas gostamos muito das pessoas que nos ajudam.

Tenho notícias também que eles, os amiguinhos pesquisadores do Projeto Gavião-real, às vezes sobem em árvores tão altas quanto a minha casa, só para conhecer um pouco mais sobre a minha vida e, assim, ajudam na proteção do meu ninho e da floresta onde eu vivo.

Algumas árvores que servem de moradia para nós, os gaviões-reais, tem grande valor comercial como os jatobazeiros, castanheiras, angelinzeiros e samaúmeiras; se essas árvores forem cortadas, não teremos onde morar. Ou então, pode acontecer pior, se nessas árvores que forem cortadas tiver um ninho de gavião-real, os filhotes podem não sobreviver se atacados por predadores, lembrando que cada casal de gavião-real reproduz apenas um filhote a cada dois ou três anos.

Então, depois de ter falado tudo isso, só depende de vocês, queridos amigos, sejam crianças ou adultos, que a minha história tenha um final feliz; que eu consiga sobreviver até a minha idade adulta e me reproduza, assim como outros coleguinhas gaviões-reais espalhados pelas florestas tropicais da América do Sul e Central afora. Que as florestas onde vivemos não sejam queimadas ou desmatadas, que os outros animais também possam ter o direito de viver na floresta, onde é o nosso lar.

Quem sabe um dia eu veja vocês lá do alto da floresta. Até mais!